

MATA DO BUSSACO / data não identificada

Realização: Hans Berge (atribuído) / **Cópia:** DCP, preto e branco, intertítulos em norueguês traduzidos eletronicamente em português / **Duração:** 7 minutos.

LAGOA / 1929

Realização: autor não identificado / **Cópia:** DCP, preto e branco, **Duração:** 4 minutos

NESTOR / 2019

Realização, Argumento, Fotografia, Montagem: João Gonzalez / **Música:** João Gonzalez, Miguel Teixeira / **Som:** Ed Trousseau, João Gonzalez.

Produtor: João Gonzalez / **Cópia:** DCP, cor / **Duração:** 6 minutos.

DOCAS DE LISBOA / 1932

Realização: Mota da Costa / **Fotografia:** Aquilino Mendes / **Produção e Distribuição:** Filmes Castello Lopes / **Cópia:** DCP, preto e branco, mudo, com intertítulos em português – preservação feita em 1985 a partir de uma cópia nitrato de época / **Duração:** 9 minutos.

BEACON / 2002

Realização, Imagem, Montagem e Som: Matthias Müller e Christoph Girardet / **Texto:** Mike Holboom.

Produção: Festival Internacional de Curtas-Metragens de Vila do Conde, no âmbito do projeto “0”, com a participação da RTP e do Centro de Arte Moderna – ACARTE, da Fundação Calouste Gulbenkian / **Cópia:** DCP, cor, versão original em inglês com legendas em português / **Duração:** 15 minutos / **Estreia Mundial:** Festival Internacional de Curtas-Metragens de Vila do Conde, Julho de 2002.

HEITOR SEM NOME / 2022

Realizador: Vasco Saltão / **Argumento:** Vasco Saltão / **Fotografia:** Vasco Viana / **Montagem:** Francisco Moreira / **Música:** Cantilena do Pedreiro (Giacometti), “Deus lhe pague” Chico Buarque / **Som:** Olivier Blanc / **Actores Principais:** Isac Graça, Afonso Molinar, Gustavo Sumpta, João Nunes, Melinda Stouten, Zsófia Tettamanti.

Produtor: João Matos, Leonor Noivo, Luísa Homem, Pedro Pinho, Susana Nobre, Tiago Hespanha (Terratrema Filmes) / **Cópia:** DCP, cor, com legendas em português nos diálogos em inglês / **Duração:** 30 minutos.

BARQUINHA / 2022

Realização: Sebastião Varela / **Direcção de Fotografia:** Afonso Vieira / **Primeiro Assistente de Imagem:** Marta Soares / **Chefe de Iluminação:** Pedro Machado / **Direção de Arte:** Beatriz Mestre e Sebastião Varela / **Figurinos:** Beatriz Mestre / **Maquilhagem:** Inês Pires Tavares.

Produção: Hot Chilli Films / **Produtores:** Diogo Varela Silva e Sebastião Varela / **Diretor de Produção:** Diogo Varela Silva / **Assistente de Produção:** André Ivo / **Cópia:** DCP, cor, **Duração:** 4 minutos.

A heterogeneidade que estrutura esta sessão, propõe olhares singulares sobre o mar enquanto lugar de observação, reflexão e contemplação, tanto quanto demonstra que o cinema pode ser lugar de primeiros confrontos de espanto e surpresa.

Vemos em MATA DO BUSSACO e LAGOA, a surpresa do diálogo com a câmara, numa interposta relação com o que não se sabe que vai ficar e, contudo, com o tempo enquanto depósito de memórias coletivas e registos antropológicos e sociais de comunidades, práticas e lugares. Podemos criar entre DOCAS DE LISBOA e BEACON relações sustentadas no trabalho, nas práticas de transformação económica e social, onde os indivíduos são parte da massa e se anulam pelo interior do poderio industrial, laboral e de progresso. Entre BARQUINHA, NESTOR e HEITOR SEM NOME, prevê-se uma ideia de viagem, de suspensão da própria identidade, inscrita e marcada por uma paisagem onde se confunde já o tempo e as marcas humanas. São filmes que respondem a uma ideia de cinema enquanto janela reflexiva e que, cada um a seu modo, trabalham a partir da falsificação da temporalidade e da espacialidade.

Escolhidos para a construção de uma sessão proposta pelo programa O DIA MAIS CURTO, iniciativa da Agência da Curta-metragem que, em Portugal, dinamiza este projeto de âmbito europeu, respondem a uma vontade continuada do projeto FILMar em propor e intuir diálogos entre a memória do cinema e o seu presente.

É isso que justifica que possamos integrar, na mesma sessão, a apropriação que Sebastião Varela faz do imaginário visual de MARIA DO MAR, de Leitão de Barros (1930), usando-o como paisagem para a música dos Expresso Transatlântico, aqui acompanhados por Conan Osíris. Jónia da coroa do cinema mudo português, MARIA DO MAR foi musicalmente trabalhada ao longo de mais de dez anos por Bernardo Sassetti, numa composição que recuperou o que se conhecia da partitura original mas, sobretudo, inscreveu no filme de Leitão de Barros uma sonoridade e ambiência que lhe parece natural. Este duplo diálogo – musical e visual – agora prolongado em BARQUINHA, é exemplo de como podemos contruir uma relação aberta e dialogante com a memória criada pelo cinema.

O conjunto dos filmes parte um olhar ampliado sobre o modo como o cinema encontra no mar a possibilidade de horizonte que supera o enquadramento do plano e a tela de projeção. Esse princípio leva a que tenhamos querido colocar na mesma relação, filmes produzidos numa altura em que o cinema ainda descobria modos de interação com aqueles e aquilo que filmava – tal é o caso de MATA DO BUSSACO, LAGOA E DOCAS DE LISBOA – com filmes que trabalham no confronto com a velocidade da imagem, desacelerando e criando uma temporalidade já não de espanto, mas de interrogação, como são os casos de NESTOR, BEACON e HEITOR SEM NOME. Nestes três, o cinema surge como hipótese de formulação de uma narrativa justaposta à realidade, enquanto nos três anteriores, o cinema tornou-se, ele mesmo, a realidade. Razão pela qual a sessão encerra com BARQUINHA, enquanto modelo de cruzamento entre a memória e a reescrita. No espírito desta sessão, a possibilidade dada pela curta-metragem de ser lugar de experimentação visual, estética, formal e narrativa, como são exemplos NESTOR, BEACON e HEITOR SEM NOME. Em todos eles, contudo, o denominador comum da pesquisa e da pergunta e da como se o mar fosse matéria fértil que alimenta a curiosidade.

Num filme como LAGOA, por exemplo, é a transformação da própria comunidade na sua relação justaposta com a cidade e com o cinema enquanto documento que a vai revelar. Do mesmo modo, DOCAS DE LISBOA, que pode ser descrito como uma resposta ainda que tímida, a DOURO, FAINA FLUVIAL (Manoel de Oliveira, 1931), é um exercício de revelação da cidade enquanto modelo de desenvolvimento a partir do mar. Em ambos, as dimensões económicas e sociais são reveladas pelos rostos dos anónimos, tornados personagens da pequena história que não fica nos livros senão na descrição dos sucessos e progressos inventados pelo regime do Estado Novo. A importância da sua apresentação inscreve-se num exercício estruturante para o FILMar, de voltar a ler estes documentos enquanto material de análise da importância do cinema com presença marítima, enquanto contribuinte ativo para a ficção política que definiu o século XX português, e onde o cinema teve um papel ativo.

Nesse sentido, a relação que estabelecemos com o filme com que abrimos a sessão, MATA DO BUSSACO, é também política, e isto do qual pouco se sabe. Descoberto recentemente nos arquivos da Biblioteca Nacional da Noruega, integra um conjunto de filmes atribuídos a Hans Berge, pioneiro do cinema norueguês que, entre o final da década de 1910 e a década seguinte, viajou por vários países, registando práticas, hábitos e tradições locais. Desconhece-se como e porque terá chegado à Mata do Bussaco, então propriedade privada depois de derrubada a monarquia, mas o filme revela relações de proximidade com a sociedade endinheirada, o que explicará o ambiente de festa que se vive no casarão principal.

O filme foi restaurado e digitalizado pelos arquivos noruegueses e não encontrará paralelo no cinema português – pode ser visto, na Cinemateca Digital um título EXCURSÃO DOS EMPREGADOS SUPERIORES DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS A VISEU E AVEIRO, produzido pela Empresa Nacional de Propaganda em 1930 - revelando assim um contexto de relações mais alargado no qual se podem ler intercâmbios de práticas económicas e sociais, onde o cinema tinha funções de entretenimento e espanto. Descritos como *travelogues*, era comum encontrar nos jornais de época noruegueses anúncios à exibição destes registos de viagem. Hans Berge terá realizado vários, revelando um espírito de curiosidade e aventureirismo, onde registou paisagens tão distantes, à época, como o Japão, a Nova Zelândia ou Marrocos. A viagem, e a surpresa, são aqui motor e espelho reveladores de um uso do cinema como arquivo de encontros, num gesto de aproximação entre comunidades e abertura para um espírito de globalização onde a prática cinematográfica é denominador comum.

Tiago Bartolomeu Costa

LAGOA e DOCAS DE LISBOA são apresentados em cópia digital, realizada pela Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema no âmbito do programa EEAGrants 2020-2024. Agradece-se a colaboração da Biblioteca Nacional da Noruega, na cedência da cópia restaurada de MATA DO BUSSACO.